



FOTOS: CAIO VILELA

Nove crianças e um rio

UM GRUPO PIONEIRO DE CRIANÇAS E JOVENS TURISTAS DESBRAVA AS MARGENS DO ALTO RIO NEGRO EM UM PASSEIO DE BARCO REPLETO DE GRANDES SURPRESAS

Por Caio Vilela

pequeno monte é uma das poucas elevações à margem do Alto Rio Negro. Um lugar improvável, cheio de bichos e, teoricamente, pouco “turístico”.

Estamos no segundo dia de uma jornada épica dos pequenos viajantes. A bordo do Jacaré-Açu, uma embarcação típica amazonense adaptada para operar viagens de turismo, eles estão prestes a viajar nove dias pernoitando em cabines (com banheiro e ar condicionado), descendo lentamente o rio rumo a Novo Airão, acompanhados de pais e mães. No programa, voltado para a diversão e o aprendizado das crianças, há caminhadas na mata, pescarias, encontros com botos e quelônios, visitas a escolas ribeirinhas, muito banho de rio e futebol descalço com jovens locais.

ENCHARCADAS DE SUOR, nove crianças e jovens de 6 a 16 anos seguem um índio com um facão por uma picada íngreme e semi-fechada da floresta amazônica. A sorte de um dia nublado ameniza a temperatura e atenua o esforço necessário para vencer os 200 metros de desnível do Pico do Jacamim, próximo a uma pequena aldeia chamada Cartucho (de bala mesmo!), da etnia baré. No norte do estado do Amazonas, a leste de São Gabriel da Cachoeira, o

pequeno monte é uma das poucas elevações à margem do Alto Rio Negro. Um lugar improvável, cheio de bichos e, teoricamente, pouco “turístico”.

A viagem é organizada pela Katerre, uma empresa baseada em Novo Airão que opera dois barcos como este, além do recém-inaugurado Mirante do Gavião – um hotel de arquitetura funcional e ousada à margem do rio Negro, focado no funcionamento em harmonia com o ambiente e as comunidades da região. Os roteiros de barco pelo Alto Rio Negro, bem como os poucos e exclusivos (apenas sete) apartamentos do hotel de selva, costumam ser ocupados por estrangeiros. “Essa molecada está sendo pioneira em visitar todos estes lugares. Merecem uma medalha!”, diz, todo orgulhoso, o guia Tito Rodrigues, acostumado a conduzir adultos europeus e norte-americanos pelos rincões da Amazônia.

Quem está por trás da iniciativa e operação é o engenheiro paulistano Ruy Tone, especialista em organizar viagens a desti-



AGUACEIRO: À esq., a cachoeira Mooney vista do mirante superior, pouco acima da via ferrata

AGUACEIRO: À esq., a cachoeira Mooney vista do mirante superior, pouco acima da via ferrata



O Grand Canyon tem 446 km de extensão, chega a 29 km de largura e, em seu maior desnível, atinge uma profundidade de aproximadamente.

nos menos manjados. Presente na viagem junto com suas filhas, Ruy dita o tom da jornada em consenso com o experiente guia Tito e o capitão Kleber Bechara, paulistano que dedicou a vida a explorar os caminhos fluviais da Amazônia e hoje conhece os meandros do rio Negro como ninguém. Seis tripulantes, entre cozinheiras, camareira e marinheiros, ajudam na operação do barco, cozinha e serviço de bordo para nosso grupo de sete adultos e nove crianças e jovens.

No primeiro dia, uma visita à sede do Instituto Sócio-Ambiental, em São Gabriel da Cachoeira, fez a turma aprender um pouco sobre a realidade do município de 40 mil habitantes – o terceiro maior do Brasil em área e lar de mais da metade da população de origem indígena. Lá o nheengatu é idioma oficial, ao lado do português. Recebidos por uma jovem índia da etnia tukano, as crianças exploram com curiosidade os livros e mapas da biblioteca do instituto, antes de correr para a praia logo à frente do casarão.

VAI LÁ

FIGOU A FIM DE VISITAR O GRAND CANYON? SAIBA COMO AQUI:

→ **Os roteiros da Katerre** pelo Alto Rio Negro acontecem anualmente, com saídas programadas e roteiros sob encomenda. katerre.com

→ **O hotel Mirante do Gavião** tem apenas sete apartamentos, por isso é preciso reservar com antecedência (diária simples, sem passeios, só com café, sai a partir de R\$ 775 por pessoa). mirantedogavião.com.br

→ **O passeio de XX dias** relatado nesta reportagem custa R\$ 7.690 por pessoa (a partir de 12 anos), incluindo alimentação e hospedagem no barco, mas não a parte aérea até Manaus. Crianças menores de 12 anos pagam 75% desse valor, e abaixo de 5 anos o passeio é gratuito.

AGUACEIRO: À esq., a cachoeira Mooney vista do mirante superior, pouco acima da via ferrata

AGUACEIRO: À esq., a cachoeira Mooney vista do mirante superior, pouco acima da via ferrata

Minutos depois, os lances da primeira pelada sobre a areia fofa, improvisada junto com garotos de São Gabriel, são iluminados com os raios dourados do entardecer.

Após o jogo, entre um gole e outro de água, Gabriel Halla, paulista de 8 anos, se vira para a imensidão do rio, mal acreditando no que há por vir: “A gente vai mesmo ficar uma semana morando no barco?”. Gabriel divide sua ansiedade com mais quatro meninas e quatro garotos, todos de São Paulo. Depois de apresentados aos tripulantes, os garotos correm para explorar suas cabines e o deck superior do navio, lugar oficial de observação de fauna amazônica a cada fim de tarde.

Após mais um dia inteiro de navegação, o barco chega à aldeia dos índios baré. Olhares tímidos e curiosos de ambos os lados atrasam um pouco o entrosamento, porém uma bola de futebol basta para quebrar o gelo, e logo os mais velhos estão definindo a composição dos times. O jogo se estende tarde adentro, finalizado com um banho de rio ao redor do barco.

Mais algumas horas deslizando sobre o caudaloso Negro e, então, aportamos no pé do Pico do Jacamim. Do alto do morro, a vista panorâmica da floresta deixa todos boquiabertos. Ali tomamos verdadeira consciência do quão distante e isolado é aquele pedaço de Brasil.

A PRÓXIMA PARADA acontece na pacata Santa Isabel, cidade onde a única oportunidade de acessar a internet e tomar um sorvete atrai a turma toda para uma mesma esquina.

Seguem-se dias de navegação noturna e lazer a bordo. Banhos em praias desertas a cada fim de tarde se alternam com pescarias e filmes projetados depois do jantar. O tempo parece que voa. Logo após passar Barcelos, o Jacaré-Açu encosta em Gaspar, uma comunidade à margem do rio Jauaperi, afluente do rio Negro que marca a divisa com Roraima.

Ali uma realidade diferente e carregada de esperança atende às necessidades de um grupo de 30 crianças das comunidades ribeirinhas ao redor. Fruto de trabalho árduo do educador escocês Paul Clark, a escola municipal multidisciplinar Vivamazônia tem alunos de 5 a 12 anos da comunidade de Itaquera e arredores. A cada dia, Paul e sua esposa, Bianca, recebem os alunos, que chegam de barco, para jornadas de aulas, atividades pedagógicas e brincadeiras.



O Grand Canyon tem 446 km de extensão, chega a 29 km de largura e, em seu maior desnível, atinge uma profundidade de aproximadamente.

À convite da molecada local, as crianças do barco descem correndo para testemunhar um momento único: tartarugas saindo do ovo. A comoção é geral, com muitas fotos e um depoimento emotivo: “Encontramos no rio uma tartaruga com um anzol enganchado na goela. Se não tirássemos, ela morreria. Devia estar doendo muito, ela parecia chorar de dor. Que bom ver muitas delas nascendo no mesmo dia!”, diz meu filho Tomás Vilela, de 11 anos, com os olhos embotados.

Pouco à frente de Gaspar, a viagem termina com um pernoite no Mirante do Gavião. Conforto sem ostentação, comida delicada e saudável e um espaçoso quarto com vista fecham a jornada com chave de ouro. No rosto dos idealizadores do passeio, o semblante tranquilo reflete a sensação de missão cumprida. Nos olhos das crianças, o brilho de uma experiência vivida e uma pergunta estampada: podemos embarcar quando o Jacaré-Açu levantar âncora novamente? ☺